
A DIDÁTICA A PARTIR DA PEDAGOGIA DE LA SALLE

Mary Rangel (org.)
Ignácio Lúcio Weschenfelder, fsc



Mary Rangel (Org.)
Ignácio Lúcio Weschenfelder, fsc

A didática a partir da pedagogia de La Salle

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A didática a partir da pedagogia de La Salle / Mary
Rangel (org.) , Ignácio Lúcio Weschenfelder, fsc. –
Petrópolis, RJ : Vozes , 2006.

ISBN 85.326.3366-8

1. Educação – História 2. Ensino 3. Escolas católicas –
História 4. João Batista de La Salle, Santo, 1651-1719
I. Rangel, Mary. II. Weschenfelder, Ignácio Lúcio.

06-4456

CDD-370.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Didática em La Salle – Princípios pedagógicos :
História da educação 370.9

 EDITORA
VOZES

Petrópolis

© 2006, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689-900 Petrópolis, RJ
Internet: <http://www.vozes.com.br>
Brasil

Sumário

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Editoração: Dora Beatriz V. Noronha
Projeto gráfico: AG.SR Desenv. Gráfico
Capa: Juliana Hannickel

ISBN 85.326.3366-8

Apresentação, 7

João Batista de La Salle: história e passos de uma construção socioeducacional (Ir. Ignácio Lúcio Weschenfelder), 11

A didática em La Salle (Mary Rangel), 25

Este livro foi composto e impresso pela Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100 – Petrópolis, RJ – Brasil – CEP 25689-900
Caixa Postal 90023 – Tel.: (24) 2233-9000
Fax: (24) 2231-4676

Apresentação

Este livro traz ao leitor a possibilidade de conhecer ou rever a história de La Salle para em seguida analisar, com mais compreensão de suas contribuições socioeducacionais, a didática que se fundamenta em sua pedagogia. Assim, o livro compõe-se de dois capítulos. O primeiro intitula-se *João Batista de La Salle: história e passos de uma construção socioeducacional* e faz uma revisão, sintética mas densa, de sua história e obra. Esse primeiro capítulo é de autoria de Ignácio Lúcio Weschenfelder, fsc, Presidente da Associação Brasileira de Educadores Lassalistas no período de 2000 a 2005 e, a partir de 2006, Diretor Geral da Unilasalle, RJ. Ignácio Lúcio Weschenfelder, fsc, tem formação na área de Letras Neolatinas. Seu e-mail para contato é inacio.weschenfelder@unilasalle-rj.edu.br

Assim, revê-se a motivação de La Salle, seu exemplo, seu pioneirismo, sua sensibilidade, sua luta, a própria doação de sua vida ao magistério, à formação docente e à educação em favor dos pobres. Em cada passo de sua construção histórica, encontram-se realizações significativas que

expressam sua vocação-missão e seu testemunho de amor à causa da emancipação humana e social.

Portanto, nesta síntese biográfica, poderão ser observados eventos significativos da trajetória de um educador que marcou o seu tempo com avanços extraordinários do alcance e compromissos do processo socioeducacional.

O segundo capítulo, sobre *A didática em La Salle*, aborda os princípios que, a partir da sua pedagogia, orientam e caracterizam o processo didático que se desenvolve a partir dos seus fundamentos.

Pode-se, então, observar que a didática, a partir dos fundamentos pedagógicos de La Salle, apresenta-se de forma atual, com subsídios relevantes ao processo de ensino-aprendizagem.

La Salle foi um pensador avançado para o seu tempo. Essa constatação é verdadeira. Entretanto, observa-se, ainda, que os princípios, propostas e concepções de La Salle podem ser, também, avançados para o *nosso* tempo, seja porque encontram respaldo na literatura atual de didática, seja porque a prática que se deseja no sentido de que o ensino auxilie, realmente, a aprendizagem, encontra em La Salle propostas e referências essenciais.

Questões dessa natureza encontram-se neste livro, no seu segundo capítulo, em que se identificam, na pedagogia lassalista, os princípios didáticos.

A autora, Mary Rangel, é supervisora pedagógica do Instituto Abel e coordenadora dos cursos de graduação da Uni-

lasalle, RJ, sendo, também, professora-titular de Didática da Universidade Federal Fluminense e titular da área de ensino-aprendizagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Rangel é doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e tem pós-doutorado na área de Psicologia Social, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Seu e-mail para contato é mrangel@abel.org.br

Este trabalho contou com expressivas contribuições dos Professores Angelina Accetta Rojas, Cesar Ornellas, Mari-leide Meneses e Silva, Ir. Paulo Petry e Solange Lemos, pesquisadores da trajetória e realizações de La Salle.

Acredita-se, vivamente, nas contribuições deste livro aos educadores e estudiosos da didática, interessados em consolidar ou ampliar as perspectivas de seus fundamentos e de sua prática docente, analisando-as à luz da vida e obra de João Batista de La Salle. É, portanto, com muita confiança e com muito entusiasmo que apresentamos aos leitores *A didática a partir da pedagogia de La Salle*.

Mary Rangel



Quadro de Giovanni Gagliardi, 1901. Retrata a visita do Pároco M. de La Chétardye à primeira escola dos Irmãos Lassalistas em Paris.

De João Batista de La Salle aos mestres:

Manifestem, em toda a sua conduta, o respeito aos alunos que lhes têm sido confiados.

Vocês exercem um emprego que os coloca na obrigação de tocar os corações de seus alunos.

Vocês devem educar com firmeza de pai e ternura de mãe.

As palavras de vocês devem ser espírito e vida para seus alunos.

Vocês devem dar mostras sensíveis de que amam aqueles que Deus lhes confiou.

Vocês devem revelar uma ternura especial com as almas que lhes estão confiadas.

O exemplo de vocês causa impressão muito maior que as palavras nas mentes e nos corações.

Manifestem, por seus cuidados, que seus alunos são verdadeiramente muito queridos.

Amem ternamente todos os seus alunos.

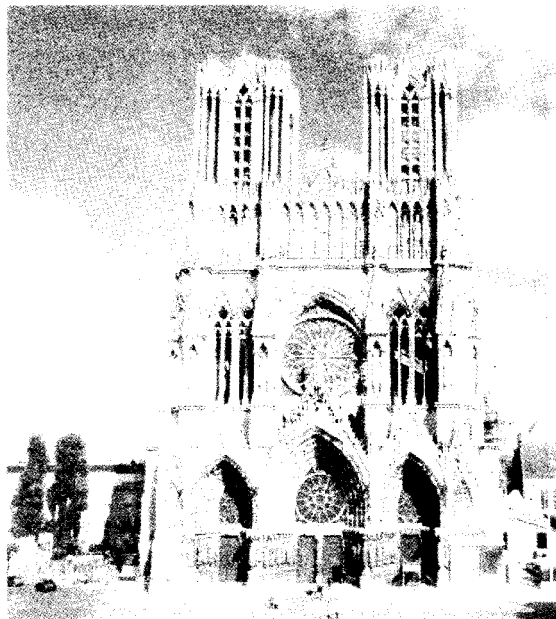
João Batista de La Salle: história e passos de uma construção socioeducacional

Ir. Ignácio Lúcio Weschenfelder

A infância

João Batista de La Salle nasceu em Reims, capital da Champagne, França, no dia 30 de abril de 1651. É oportuno lembrar que Reims conta com uma Catedral de extraordinária beleza e dimensão. Nela foram coroados quase todos os Reis da França. À sombra dessa catedral, João Batista de La Salle passou sua infância, adolescência e parte de sua juventude.

João Batista de La Salle era o primogênito de dez filhos de uma família rica, sendo que três faleceram em tenra idade. Seu pai, Luís de La Salle, da classe burguesa, exercia o cargo de Conselheiro do Rei Luís XIV. Sua mãe, Nicole Moët de Brouillet, pertencia à nobreza. Nessa condição econômica e de classe social e ambiente privilegiados, João Batista foi educado no mais sofisticado estilo da burguesia e da nobreza da França e, ao mesmo tempo, nos princípios cristãos adotados com muita seriedade e convicção.



Catedral de Reims, França.

Os pais e avós maternos de La Salle exerceram decisiva influência na sua formação espiritual e cristã. Pode-se afirmar que essa influência o marcou mais do que a importância e o prestígio social e econômico de sua família. Os textos da Sagrada Escritura, as orações dos Salmos que partilhava, em sua infância, com o avô João Moët, a vida dos santos que a avó Perrette Lespagnol lhe contava e a obser-

vação dos fatos da realidade, marcados pelo sofrimento dos pobres, moveram a sensibilidade e o espírito de João Batista a optar pelos valores de vida cristã.

Desse modo, La Salle renunciou à herança da profissão com que seu pai lhe acenava, cheia de promessas de realização e prestígio de uma possível carreira de Magistrado, já que o menino manifestava uma expressiva inteligência e capacidade de percepção dos fatos.

Aos onze anos de idade, La Salle revelou aos pais seu desejo de seguir a vocação sacerdotal. O pai, apesar do projeto que imaginara para o filho, que se tornasse herdeiro de sua profissão, um tanto entristecido, porém como homem de fé, apoiou a escolha.

Assim, aos onze anos de idade, João Batista recebeu a tonsura, rito de iniciação à vida clerical. Devido ao sucesso nos estudos e a seu comportamento, conduzido pela reflexão e solidariedade humana, aos 16 anos foi nomeado Cônego da Catedral de Reims, título que lhe garantia um salário e lhe atribuía o compromisso de rezar o Ofício Divino, diariamente, junto com os demais Cônegos.

A juventude

João Batista de La Salle formou-se em Filosofia, em Reims. Em 1668, iniciou, nessa mesma cidade, os estudos de Teologia. O pai, no interesse do aperfeiçoamento de sua formação intelectual, humana e teológica, proporcionou-lhe a continuidade dos estudos teológicos em Paris, na Universi-

dade de Sorbonne e, no intuito de receber formação religiosa, no Seminário de São Sulpício. Desse modo, La Salle chegou à capital do reino como um jovem herdeiro de uma espiritualidade sólida, assimilada no lar, associada à seriedade e ao realismo do pai, magistrado e comerciante, assim como à condição de nobreza da mãe e à responsabilidade e convicções de fé de cônego.

As práticas de estágio pastoral, programadas pelo seminário, estimulavam experiências apostólicas com atenção a escolas elementares para pobres. A partir dessa perspectiva, La Salle pôde observar a necessidade de organizar o melhor preparo dos professores, com atenção à cultura e à formação para o magistério, com competência para ensinar.

Tudo transcorria bem com o jovem estudante, sempre interessado em aprofundar reflexões sobre princípios e práticas de uma educação contextualizada. Porém, no dia 19 de julho de 1671, falece inesperadamente sua mãe e, no ano seguinte, também o pai. Nessas circunstâncias, como filho primogênito, é incumbido da tutoria de seus irmãos menores. Foi preciso interromper os estudos de Teologia e regressar a Reims. Com 20 anos de idade, mostrou-se um cuidadoso organizador da vida familiar e soube encaminhar a administração dos bens que o pai lhe deixara de herança.

O sacerdócio e itinerário pedagógico: passo a passo

A experiência de tutoria de seus irmãos qualificou o jovem João Batista de La Salle para o desenvolvimento de

suas habilidades administrativas de gestão dos negócios materiais, além das habilidades de organização familiar e educativa. Essas práticas de gestão familiar merecem destaque especial na trajetória de La Salle, pois serão uma constante desse pedagogo no grande empreendimento de criar, organizar e desenvolver escolas e de formar educadores com um novo perfil, de atenção aos pobres e de competência docente, antes nunca visto.

Uma vez resolvidos os negócios familiares e encaminhada a educação de seus irmãos menores, La Salle retornou aos estudos teológicos em Reims, concluindo-os em 1676. É ordenado sacerdote em 9 de abril de 1678.

No mesmo ano de sua ordenação sacerdotal, inicia-se uma série de acontecimentos imprevistos na vida desse Cônego de Reims. Assim, já em 1678, seu amigo e diretor espiritual, Cônego Nicolau Roland, antes de falecer, confia-lhe o cuidado da Congregação Docente das Irmãs do Menino Jesus, por ele fundada. O jovem sacerdote nem imaginava que ali encontraria as motivações que o conduziram, *de passo em passo*, para a difícil e desafiadora empresa de fundação das escolas populares que abririam as portas da educação a todos os meninos pobres da França.

Na incumbência recebida de Roland, La Salle viu a necessidade de conhecer melhor o mundo da educação de sua época, os escritos pedagógicos de ensino elementar, ainda muito incipientes. Foi esse o **primeiro passo** de todos os subseqüentes que definiriam o projeto socioeducacional de sua vida.

O **segundo passo**, que levou La Salle ao mundo da escola, foi seu encontro, em março de 1679, com o Sr. Adria no Nyel, professor vindo de Ruão com o objetivo de fundar escolas gratuitas para os meninos pobres de Reims. Nye apresentou-se a La Salle e lhe solicitou orientação sobre como proceder. O jovem sacerdote o acolheu em sua casa para passar-lhe detalhadas instruções e assegurar êxito ao seu ambicioso projeto educacional emancipatório.

A primeira escola foi assumida no dia 15 de abril de 1679, no bairro de São Maurício. Na mente de La Salle sua responsabilidade acabara ali. O resto ficaria com o Sr. Nyel. Porém, a significativa orientação pedagógica dada pelo Cônego de La Salle surtiu efeito inesperado naquela primeira escola, através da educação de menores de rua que aprenderam conhecimento e atitudes de socialização.

Desse modo, seguiu-se o **terceiro passo**. Frente ao sucesso alcançado a partir das orientações do jovem Cônego João Batista de La Salle, o Sr. Nyel concluiu que era preciso aproveitar o momento favorável e aceitar pedidos para a fundação de outras escolas, porém com a colaboração e comprometimento de La Salle.

A consternação diante da realidade de miséria em que vivia a maioria do povo, as condições de extrema pobreza, a situação dos trabalhadores miseráveis das cidades, a condenação à ignorância e ao analfabetismo da grande maioria dos meninos e o confronto dessa situação injusta com o itinerário evangélico mexeram com a mente, o espírito

e a sensibilidade de La Salle. Somente um número reduzido de pais podia enviar seus filhos à escola. A maioria das crianças e jovens não tinha perspectivas de futuro. Abalado com essa situação e movido por seu sentimento de solidariedade, La Salle comprometeu-se a dar assessoria às novas escolas que o Sr. Nyel desejava fundar.

No ano de 1680, tendo já obtido o doutorado em Teologia, La Salle, conhecendo a precariedade de formação dos mestres do Sr. Nyel, reúne-os, então, em sua casa, para oferecer-lhes melhor preparo e iniciá-los na vida comunitária. Pela sua observação, os mestres necessitavam saber conviver (viver em comunidade) e, *no* convívio e *pelo* convívio, deveriam adquirir hábitos próprios de educadores e desenvolverem novas idéias sobre como atuar no ofício de ensinar. Esse era o **quarto passo** do seu itinerário como educador e formador de educadores.

Para viabilizar o seu propósito de formar melhor os mestres, La Salle resolveu acolhê-los em sua casa, em 1681, dando-lhes hospedagem e recebendo-os à mesa das refeições, junto com os demais familiares. Foi o seu **quinto passo**. Seus parentes consideraram-no louco porque reuniu um grupo de plebeus com seus familiares que eram da nobreza, considerando sua atitude como um ato temerário. Pode-se afirmar, no entanto, que foi essa a semente do grande projeto pedagógico que germinou e, no tempo oportuno, concretizou-se no estilo peculiar de manter as escolas orientadas pelo princípio que se define pela expressão *juntos e por*

associação. Essa nova maneira de manter escolas evoluiu para mais tarde consolidar um compromisso total de vida, na qual os mestres estariam associados para o serviço educativo aos pobres.

Devido ao mal-estar criado no seio de sua família com a presença daqueles mestres iniciantes, de classe econômica “inferior” à nobreza e à burguesia, e devido à oposição de familiares e parentes à inusitada iniciativa de João Batista de La Salle em acolher aqueles “plebeus” em sua casa, decidiu por um rompimento importante no dia 24 de junho de 1682, festa litúrgica de seu padroeiro, S. João Batista. Nesse dia, La Salle abandonou seu lar e mudou-se, junto com os mestres, para uma casa modesta que alugou na periferia da cidade. Ali encontrou paz para oferecer-lhes a formação pedagógica de que necessitavam. Foi o **sexto passo** que lhe custou grandes dificuldades, não contando mais com o conforto de um palácio e assumindo a vida de pobreza junto aos mestres. Enquanto isso, o Sr. Nyel seguia abrindo novas escolas nos arredores de Reims, deixando-as sob os cuidados de La Salle.

No dia 16 de agosto de 1683, La Salle renunciou ao canonicato para tornar-se mais semelhante àqueles que reunira para convivência e formação pedagógica. Foi o **sétimo passo**.

O inverno do ano de 1684 foi de extremo rigor na França. La Salle estava atento ao sofrimento de milhares de miseráveis que passavam fome e frio. Mais uma vez, decidiu por uma ação consciente e radical, dando o **oitavo passo**

em seu itinerário de fundador da obra lassalista: distribuiu toda a sua fortuna aos pobres, tornando-se, finalmente, pobre como seus mestres. Agora, sim, encontrava-se em situação favorável para orientá-los, pois seus ensinamentos e a formação que lhes oferecia apoiavam-se na autoridade de quem pratica o que ensina. A partir de então, suas escolas não se fundavam nem se mantinham mais às custas dos recursos financeiros de sua propriedade e de seus bens pecuniários, mas unicamente sobre os contratos que passou a fazer com pessoas jurídicas e físicas para o sustento do projeto.

No processo pedagógico que se desenvolvia, os mestres que La Salle formava resolveram chamar-se de *Irmãos* junto a seus alunos, já em meados de 1683. Esse epíteto nada tinha a ver com o estado de religiosos, nesses primeiros anos e passos dados em direção a um projeto pedagógico mais estruturado, porém foi assumido para dar uma conotação de maior proximidade com os educandos.

As crianças e jovens recebidos nas escolas de La Salle sentiam sempre mais o espírito de acolhimento familiar em sua convivência com os mestres. Estes já não eram personagens alheios, estranhos e desinteressados em relação à vida dos alunos, mas tornaram-se membros de família, próximos deles, com melhores possibilidades de orientá-los. Graças ao sentido de os mestres viverem como irmãos entre si e irmãos maiores de seus alunos, a pedagogia lassalista, em toda a sua história, foi marcada profundamente pela característica da *fraternidade*.

La Salle, já com um grupo significativo de professores formados, em 1686, reuniu-os para uma primeira Assembleia. Nesse evento, doze deles decidiram, com a orientação do fundador, dedicar-se plenamente à educação emancipatória, para manter, com mais garantia, *juntos e por associação*, as escolas a serviço dos pobres. Nasceu, então, a *Sociedade dos Irmãos das Escolas Cristãs*. Foi o **nono passo**.

O prestígio das escolas de La Salle ultrapassou as fronteiras da Champagne, graças à atuação qualificada dos professores que formara. Sua fama percorreu distâncias e chegou a Paris. Na capital do reino, as autoridades eclesiásticas responsáveis pelas escolas na Paróquia de S. Sulpício, sabendo do trabalho que se realizava em Reims com a educação dos meninos, fruto do novo estilo de escolas, solicitaram a La Salle que lhes enviasse alguns de seus mestres. La Salle, então, aceitou o desafio e foi, junto com dois de seus mestres, a Paris, em fevereiro de 1688. Inicia-se, assim, a expansão da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs. Foi o **décimo passo**.

Cabe aqui uma apresentação sintética da cidade de Paris de 1688: 500.000 habitantes, sendo a maior cidade da Europa; classe indigente: 40.000 pessoas, com numerosos órfãos e doentes; operários: 340.000; grande maioria da população analfabeta, tendo que trabalhar por doze a quatorze horas por dia.

A perseguição às escolas de La Salle não tardou a aparecer em Paris. Já em 1690, os mestres das “pequenas esco-

las” observaram o novo fenômeno pedagógico que invadia a cidade, com nova metodologia, com excelente organização, com método simultâneo de alfabetização e também com alfabetização em língua vernácula. Recorde-se que o ensino nas escolas elementares, antes de La Salle, era ministrado individualmente e não a dezenas de alunos ao mesmo tempo.

La Salle teve sucesso através da adoção do método simultâneo. Recorde-se, também, que a alfabetização era ainda processada em latim e por “mestres calígrafos jurados”. Só eles podiam, perante a lei, alfabetizar. E, nesse contexto, chegavam as novas metodologias “revolucionárias” de La Salle que acarretaram a perda de alunos para as escolas tradicionais. Em consequência disso, os mestres calígrafos e os mestres das “pequenas escolas” passaram a mover processos nos tribunais contra João Batista de La Salle. Iniciou-se, então, um longo tempo de sofrimento para La Salle que se estende por mais de vinte anos.

Em 1691, a situação para La Salle e seus companheiros educadores tornou-se desesperadora com a perda de processos judiciais, pagamento de multas, proibição de os Irmãos viverem em comunidade, ataques dos mestres calígrafos contra suas escolas, incendiando-as e pilhando seus móveis, quando a justiça não os arrestava.

O projeto pedagógico e de comunidade também encontrou a oposição de autoridades eclesiásticas que não estavam de acordo com a nova forma de vida e trabalho que La

Salle promovia, isto é, uma comunidade de leigos e, portanto, não clerical, encarregada das escolas, com o princípio de convivência “juntos e por associação”. Seus métodos educativos eram por demais inovadores e perturbadores, a exemplo da substituição do latim pelo francês como língua de alfabetização, o que gerou estranheza e reação negativa nos meios eclesiásticos, tão ciosos da importância do latim na Igreja.

Da mesma forma, a estrutura e a identidade leiga da nova comunidade que se encarregava das escolas não estavam de acordo com a prática daquele tempo, já que a educação estava entregue aos clérigos em todo o reino de França.

A total gratuidade, oferecendo acesso de todas as crianças à educação escolar, também teve opositores ferrenhos no seio da nobreza, pela crença de que somente pessoas não-letradas se dedicariam à agricultura. Em consequência do projeto educativo de La Salle, havia o risco de que ninguém mais se limitasse ao cultivo da terra e a produzir alimentos. Era assim que filosofavam os nobres e os burgueses. Inclusive Voltaire, meio século depois de La Salle, raciocinava de forma semelhante, declarando que os Irmãos das Escolas Cristãs procediam muito mal em alfabetizar todos os meninos, porque se soubessem ler e escrever poderiam não se interessar mais pelos cuidados com a terra.

Apesar de toda a perseguição e de todos os obstáculos, La Salle e os Irmãos obtiveram êxito em seu projeto e conseguiram criar uma rede de escolas de qualidade destinadas aos pobres, envolvendo também os pais na sua educação.

Uma das realizações de La Salle, de significativa relevância, foi a formulação e a execução do projeto de formação de professores, pela criação do que seria a Escola Normal. Outras obras a serem destacadas foram a criação da escola de formação de mestres leigos para o meio rural, cursos dominicais para jovens operários, cursos de formação profissional e uma das primeiras instituições de que se tem notícia de reinserção de delinquentes.

Era necessário sustentar, a todo custo, a obra construída para a emancipação da maioria das crianças da França que não tinham acesso à escola naquele tempo. Frente a uma sociedade que não reconhecia o direito de todas as crianças à educação escolar, La Salle sentia-se comprometido com o projeto de reconhecimento do direito de todos à educação, podendo-se, inclusive, observar a sua influência na inscrição desse direito na Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, em 1948.

Frente ao enorme desafio de dar continuidade à obra, em profunda crise devido às perseguições e processos nos tribunais e, por isso, com o risco de desaparecer, La Salle e dois companheiros, os Irmãos Nicolas Vuyart e Gabriel Drolin, decidiram fazer um voto heróico: comprometeram-se, no dia 21 de novembro de 1691, mesmo com escassez de recursos, a manter a obra das Escolas Cristãs. Foi o **décimo primeiro passo**. Esse passo foi decisivo para a consolidação da Sociedade dos Irmãos das Escolas Cristãs. Por isso, nessa sequência de passos, consideramo-lo o último,

pois garantiu a caminhada rumo ao novo estilo de educar nas escolas nas décadas subseqüentes e séculos vindouros, até nossos dias.

E cada educador reconstruirá o caminho na direção de uma escola, uma sociedade, um mundo em que todos, de forma solidária e fraterna, possam, *juntos e por associação*, avançar a cada dia, a cada passo, a obra socioeducacional que se realiza em favor do *direito de todos* a condições de vida com dignidade.

Obras consultadas

GONZÁLES, Pedro Chico. **Compartir la misión de San Juan Bautista de La Salle**. Valladolid: Lafalpp, 1990.

MAILLEFER, Francisco Elias. **Vida do Senhor João Batista de La Salle**. Canoas: La Salle, 1991.

MORALES, Alfredo A. **Pedagogía lasalista** – Asociados para una propuesta educativa liberadora. Lima: Industrial Gráfica, 2001.

PUNGIER, Jean. **Como nació la guía de las escuelas**. Lima: Bruño, 1987.

A didática em La Salle

Mary Rangel

Introdução

Este texto inicia-se situando a didática enquanto componente dos estudos de pedagogia e a pedagogia enquanto campo teórico, que reúne os fundamentos e os subsídios das ciências aplicadas à Educação. A partir dessa compreensão da didática na área de conhecimento em que se situa, pontuam-se os seus princípios na Pedagogia de La Salle. Nas considerações finais, sublinham-se os aspectos de inter-relação desses princípios, a sua atualidade e singularidade, enfatizando-se a importância da formulação de um projeto pedagógico, para que a didática, em La Salle, possa ser aplicada de modo refletido e consciente.

Didática, pedagogia e educação

A pedagogia é campo de estudos da prática educativa. A educação, portanto, é o objeto dos estudos pedagógicos. Quanto à didática, é disciplina do Curso de Pedagogia e das licenciaturas, de modo geral.

Na perspectiva atual da discussão pedagógica, enfatiza-se o valor das licenciaturas e da formação, competente e consciente, para o magistério. A didática destaca-se, nessa perspectiva, como estudo relevante ao ato *educativo* de ensinar, em todos os níveis e áreas de ação docente.

Assim, reafirma-se que a essência da educação encontra-se nos *valores* de formação humana e social. Desse modo, não se faz prática educativa sem valores e não se realizam estudos pedagógicos sobre essa prática sem fundamentos que os considerem e enfatizem.

E a didática insere-se nessa mesma perspectiva, assumindo o sentido e o compromisso do ato *educativo* e, portanto, *valorativo* de ensinar.

Pedi hoje a Deus a graça de velar com tal zelo sobre os alunos a vós confiados, que tomeis todas as precauções possíveis para preservá-los de toda queda grave. Rogai-lhe faça de vós guias tão bons que, graças às luzes adquiridas por vós com seu divino auxílio e pela fidelidade em bem desempenhar-vos do vosso emprego, possais perceber exatamente [...] tudo o que lhes possa ser nocivo (LA SALLE. *Meditação* 1973, 1988, p. 451).

O objeto de estudo da didática é o processo de ensino-aprendizagem. Esse processo, que se caracteriza como *processo didático*, incorpora todos os fundamentos e critérios do ensino e da aprendizagem, desde as suas bases (seus pressupostos), os objetivos, conteúdos, métodos, procedimentos de avaliação e recuperação.

Os fundamentos da educação, reunidos nos estudos pedagógicos, são necessariamente recorrentes a princípios e critérios que norteiam as *atitudes* dos alunos em sua vida pessoal e social. A didática, enquanto uma das práticas educativas, está sintonizada com esses mesmos princípios e critérios.

Chega-se, então, com essas considerações iniciais, à didática baseada em princípios da Pedagogia de La Salle, reconhecendo a sua importância como campo fértil de valores que frutificam na educação e na didática. Essa importância pode ser compreendida em estudos que aprofundam os princípios pedagógicos lassalistas, a exemplo dos estudos de Burkhard (1964), traduzido pelo Ir. Israel Nery, fsc¹, Pungier (1987), Gonzáles (1990), Justo (1991), Maillefer (1991), Hengemüle (2000) e Morales (2001).

Confirma-se e realça-se, desse modo, que a Pedagogia de La Salle oferece princípios relevantes ao processo didático que se encaminha pelo *ensino* comprometido com a *aprendizagem*.

A didática e seus princípios em La Salle

Em La Salle encontram-se, como se esclarece no segmento anterior, princípios e critérios que definem o ato educativo de ensinar para que a aprendizagem se realize.

1. Ir. Israel Nery é autor de extensa e significativa obra com subsídios à Educação Religiosa nas escolas.

É interessante perceber a *atualidade* desses princípios, conforme se apresentam no pensamento contemporâneo sobre a didática e pressupostos teórico-práticos do ensino-aprendizagem. Esses princípios (entre outros) apresentam-se a seguir.

1. O princípio do afeto

O amor é a base da pedagogia lassalista. Esse sentimento que também é enfatizado em pedagogias de expressiva repercussão, a exemplo da pedagogia freireana, está cada vez mais realçado nos tempos atuais.

A afetividade tem sido retomada como fator relevante ao ensino-aprendizagem, favorecendo a qualificação, o acolhimento, a valorização do ser humano, da sua singularidade e sensibilidade.

A educação inclusiva, hoje determinada por lei, fundamenta-se, também, no princípio do acolhimento e respeito às características individuais e suas diferenças, sem discriminações.

No evangelho de hoje, Jesus Cristo compara aqueles que têm direção de almas a um bom pastor que tem grande solicitude pelas suas ovelhas. Uma das qualidades que um bom pastor deve possuir é conhecer todas as ovelhas distintamente. Esta também deve ser uma das atenções primordiais dos que se dedicam à educação dos outros: conhecê-los e discernir o modo de tratar com eles (LA SALLE. Meditação 33, 1, 1988, p. 90).

Estais obrigado a instruir as crianças pobres. Por conseguinte, deveis ter-lhes especial carinho e procurar seu bem espiritual quanto vos for possível, considerando-as como membros de Jesus Cristo e como suas amigas prediletas [...]. Mostrai-lhes, por vossa solicitude com elas, que as amais de fato (LA SALLE. Meditação 80, 3, 1988, p. 209).

Nas pedagogias de base existencialista, em pensadores como Jaspers e Karl Rogers, encontra-se também, fortemente, o princípio do amor. Em pedagogias progressistas, em abordagens como a de Rubem Alves, a perspectiva freireana do amor se renova (RANGEL, 1998).

Entretanto, em La Salle, esse princípio se destaca, não só nos seus escritos, como na sua vida, no seu testemunho, nos atos significativos da sua *doação* aos professores, aos alunos, à formação humana e cristã, às *escolas* e suas práticas concretas de *amor* às crianças, aos jovens, aos adultos, com atenção especial ao seu sofrimento, perdas e discriminação na pobreza. E o amor se associa ao diálogo e ao exemplo.

2. O princípio do diálogo e do exemplo

Associado ao princípio do amor, encontra-se o princípio do diálogo. Assim, nos escritos, nas imagens da vida e obra de La Salle, observa-se a sua presença, a sua prática dialógica, notando-se que o professor está junto ao aluno, ouvindo atentamente, mas também se pronunciando, assumindo os valores que orientam a formação.

Muito reduzido e de pouco fruto e eficácia seria vosso zelo para com vossos alunos, se se limitasse a palavras. Para torná-las eficazes, é preciso que o vosso exemplo confirme as vossas instruções. Isto será a melhor característica de vosso zelo (LA SALLE. Meditação 202, 3, 1988, p. 466).

Assim, através do diálogo e do exemplo de professores e alunos, as escolas lassalistas devem construir ambientes significativos de *ser e viver* em comunidade. Nesses ambientes, destaca-se, de modo especial, o espaço e a organização da escola.

3. A importância do espaço e da organização, pois “é preciso que a escola vá bem”

La Salle cuidou do espaço físico da escola e da sala de aula, associando as suas condições satisfatórias à realização da aprendizagem. A valorização dos espaços da escola é encontrada nos estudos didáticos atuais que, se por um lado consideram outros espaços e ambientes de ensino-aprendizagem, por outro reafirmam a sua importância como ambiente propício às ações e relações didáticas. Desse modo, a preservação do espaço físico da escola e da sala de aula confirma-se, hoje, como uma das prioridades nas reivindicações sociopolíticas em favor da educação e da qualidade do ensino, que se consubstancia e concretiza na aprendizagem. Nessa mesma perspectiva de importância, La Salle deseja uma escola agradável aos alunos. “É preciso que a

escola funcione bem” (LA SALLE, 2006, p. 1)². E, nessa escola que “funciona bem”, privilegiam-se a assiduidade e a pontualidade dos alunos.

Sumo cuidado terão os mestres de que todos os alunos estejam na aula e que um sequer chegue atrasado, a não ser por justas razões e por necessidade. Serão muito exatos em observar esse ponto... (LA SALLE, *apud* JUSTO, 1991, p. 100).

Na sala de aula, portanto, como espaço privilegiado da escola que “funciona bem”, a aprendizagem se organiza, sistematiza-se e também se disciplina.

4. A disciplina

A disciplina é condição e requisito ao “trabalho” de aprender. O sentido de “trabalho” aplica-se à aprendizagem, observando que a ação e reação ao conhecimento solicitam de quem aprende a atenção, disposição, concentração, ou seja, um conjunto de condições no interesse de que se *organize* para aprender. Reafirma-se, portanto, que a aprendizagem não se realiza com dispersões ou desatenções. O processo sociocognitivo da aprendizagem requer que o aluno se discipline, organizando o seu estudo e desenvolvendo atitudes que são necessárias à assimilação e reconstrução pessoal e social do conhecimento.

2. Fonte: *Trechos de estudo sobre pensamentos de La Salle*. Niterói: Unilasalle, 2006 [Impresso].

Embora hoje se encontrem críticas ao rigor com a disciplina, observa-se, no caso de La Salle, o reconhecimento de que esse rigor foi menos acentuado em relação ao que se exercia à época, ou seja, La Salle, no seu tempo, amenizou as punições disciplinares. “*As crianças, assim como os adultos, dotados que são de razão, devem ser corrigidos como seres racionais e não como bichos*” (LA SALLE, Meditação 204, 1, 1988, p. 470).

Abstende-vos de repreender alguém quando agitados por uma paixão, porque então a correção seria prejudicial, tanto ao educando, como a vós mesmos (LA SALLE, Meditação 204, 2, *apud* JUSTO, 1991, p. 232).

Nunca devemos corrigir um aluno movido por sentimento de aversão, por nos magoar, ou por não lhes termos simpatia (LA SALLE, *apud* JUSTO, 1991, p. 230).

Entretanto, a par de críticas a princípios e “regras” de La Salle (críticas especialmente de base foucaultiana e com pouca atenção às características de época), encontra-se, atualmente, a reconsideração ao valor da disciplina, entendendo-a nas circunstâncias das condições, pessoais e coletivas, de organização e encaminhamento de processos de compreensão, interpretação, aplicação e reconstrução do conhecimento. Nesses processos, realça-se também o princípio da contextualização, associado ao da relação entre prática-teoria-prática.

5. A relação prática-teoria-prática: o ensino contextualizado

Quando La Salle introduziu o ensino na língua francesa (antes se ensinava apenas em latim), quando La Salle ressaltou e realizou a proposta de preparação para a vida e trabalho, ele instituiu, de forma pioneira e inovadora para o seu tempo, o princípio da contextualização. Esse princípio promove e encaminha o critério didático da relação prática-teoria-prática. Essa relação é especialmente enfatizada na discussão didática atual e se reflete nos cursos de formação de professores, cuja legislação em vigor determina que a prática se inicie desde o primeiro semestre e permaneça até a integralização desses cursos.

La Salle abriu, por isso, ao lado dos cursos de magistério, uma escola de aplicação, onde os futuros professores, após séria preparação, se exercitassem, orientados por um mestre experimentado na difícil arte do magistério (JUSTO, 1991, p. 218).

A prática, a vida, o trabalho, a aplicação dos conteúdos orientaram, também, à época, o ensino-aprendizagem da caligrafia que persistiu, por muitos anos, como profissão necessária e, curiosamente, volta hoje a ser considerada, seja para desenvolvimento psicomotor, seja para a escrita utilizada largamente, em convites sociais. A teoria relacionada à prática é também uma das premissas da transposição didática.

6. A transposição didática

A transposição didática é conceito bastante utilizado e discutido na literatura pelo seu sentido e importância essenciais ao ensino-aprendizagem. Transpor o conhecimento é trazê-lo do nível teórico até o nível da aprendizagem do aluno, de acordo com sua idade e fase escolar.

Nos fundamentos da transposição didática encontram-se teorias como a vygotskyana que pontua as zonas de desenvolvimento – a potencial, a proximal e a real – realçando, nesse enfoque, a proximidade entre professor e alunos. A presença do mestre, próximo ao aluno, sua linguagem acessível, com “vocabulário familiar”, constituem princípios da pedagogia lassalista e uma das suas significativas contribuições à didática.

Não lhes ensinais as verdades com palavras estudadas – escreve La Salle. Procurem [...] fazê-lo de modo singelo, com vocabulário que lhes seja familiar, para compreenderem facilmente o que lhes explicais (LA SALLE. Meditação 193, 3, apud JUSTO, 1991, p. 218).

Nessa mesma perspectiva, observa-se que a valorização da *convivência* (do “viver com”, da vivência em coletividade) foi uma das principais formulações de La Salle e se insere na sua ação democrática, entendendo-se a democracia em seu núcleo de sentido, que inclui a ampliação de espaços de acolhimento e parcerias entre professores e alunos na escola, assim como dos professores entre si, no trabalho e nos locais de formação.

A proximidade do “mestre”, enfatizada na pedagogia lassalista, é também referência de diversos enfoques teóricos observados nos estudos atuais de didática. O mesmo acontece com o princípio das metodologias múltiplas, adequadas ao conteúdo, ao aluno e ao contexto.

7. O princípio das metodologias múltiplas

A escola lassalista observa o princípio das metodologias múltiplas, ou seja, da utilização de metodologias variadas, escolhendo-se as mais indicadas para o conteúdo, o aluno e o contexto. Desse modo, o professor procura recursos de ensino que sejam apropriados à natureza do conhecimento e daqueles a quem esse conhecimento se destina. “Com efeito, com alguns é preciso usar de mais bondade; com outros, de mais firmeza. Este exige paciência, enquanto aquele necessita constantes incentivos ao esforço” (LA SALLE. Meditação 33,1, 1988, p. 90).

O interesse da prática de diferentes métodos (meios, formas) de ensinar, conforme hoje se focaliza nos estudos e orientações didáticas, associa-se não só à sua contribuição à aprendizagem, como também às motivações dos alunos e à auto-estima fortalecida pelo sentimento e realização de conseguir aprender, destacando-se também a importância de “ter presente o fim próprio e a extensão de cada grau de instrução” (JUSTO, 1991, p. 218).

Tornou-se, assim, o sistematizador desse método de ensino e o aplicou a todas as lições,

com grande número de alunos, enquanto seus predecessores geralmente só lançavam mão dele na lição de leitura e com auditório restrito (JUSTO, 1991, p. 220-221).

O significado de método remonta às suas origens greco-romanas e ao seu sentido de meio, caminho. A atenção ao método, em La Salle, representa um avanço, à sua época, seja pelo compromisso do professor com meios (caminhos) favoráveis à aprendizagem, seja porque essa aprendizagem significava o alcance do conhecimento por camadas antes marginalizadas do processo educacional.

Desse modo, contemplava-se o valor humano que se manifesta na realização pessoal e na auto-estima, como também o valor político (singular, para o contexto do seu tempo) que representa a própria motivação do projeto didático-pedagógico lassalista: a emancipação social.

8. *A aprendizagem como meio de emancipação social*

Uma didática centrada em meios, em ambiente, em planejamento *pela e para* a aprendizagem de pessoas postas à margem de níveis e padrões essenciais de qualidade de vida atende a um princípio consolidado neste século, que se expressa na própria forma como se nomeia o objeto dos estudos e práticas didáticas: ensino-aprendizagem do conhecimento, que é um valor, um direito social, um compromisso da escola e da família.

Fazer com que os pais compreendam a obrigação de darem instrução aos filhos e o prejuízo que lhes causam ao não lhes darem oportunidade de aprenderem a ler e escrever e o quanto isso lhes pode ser danoso, pois nunca serão capazes de nenhum emprego (LA SALLE, 2006, p. 1)³.

Na expressão *ensino-aprendizagem* está indicado o elo significativo que se estabelece entre o ato de ensinar e o ato de aprender. O ensino encontra, portanto, sentido, direção, propósito na aprendizagem e a ela se vincula pela natureza de sua finalidade, identificação e compromisso com a sociedade à qual o conhecimento e a educação se destinam.

Nas discussões atuais da teoria didática enfatiza-se o comprometimento do ensino com a aprendizagem e com a emancipação social. Essa ênfase foi reconhecida por La Salle em tempos de um ensino erudito e intensamente elitizado, freqüentemente assistido e acompanhado individualmente por tutores, sem preocupações com o alcance mais amplo e coletivo do conhecimento e de garanti-lo a todos, indistintamente, como direito da vida cidadã.

La Salle propõe e *pratica* o ensino comprometido com a aprendizagem, entendendo o valor emancipatório do saber, sua importância, suas implicações políticas, ou seja, suas implicações relacionadas ao interesse do povo, da coletividade, para além de interesses de camadas sociais privilegiadas.

3. Fonte: *Trechos de estudo sobre pensamentos de La Salle*. Niterói: Unilasalle, 2006 [Impresso].

Inicia-se, portanto, com La Salle, em seu tempo e circunstâncias, a consciência e transparência das relações entre educação, conhecimento e sociedade, assim como da educação como processo (e direito) emancipatório. Por isso, privilegiam-se, também, as decisões coletivas.

9. O princípio das decisões coletivas: a integração

É bastante atual na didática o princípio das decisões coletivas que propiciam a integração dos procedimentos relativos a objetivos, conteúdos, método, avaliação e recuperação da aprendizagem, assim como da integração de critérios de escolha de materiais didáticos. A integração não se faz com decisões e ações isoladas e, muito menos, sem fundamentação, sem *projeto pedagógico*.

A vivência em comunidade, o estudo dos meios de ensinar-aprender, a conscientização de valores que dão sentido às práticas, às trocas de experiências propiciadas em cada escola e no seu conjunto, como nos Encontros de Educadores Lassalistas, são próprias do pensamento e das iniciativas de La Salle. Viver o cotidiano e, nele, o trabalho e a formação docente foram realizações e testemunhos de La Salle. Como se percebe, a escola cristã de La Salle valoriza a relação, a afetividade, o encontro.

Se lhes tiverdes a firmeza de pai, a fim de os retirar ou afastar da desordem, deveis igualmente consagrar-lhes ternura de mãe, para afeiçoá-los às vossas lições e fazer-lhes todo o

bem que depender de vós (LA SALLE. Meditação 101, 3, apud JUSTO, 1991, p. 235).

E quando hoje, na prática didática, os professores se reúnem (tanto em nível de uma mesma série ou ciclo, como de um mesmo componente do currículo, na sua seqüência em todos os segmentos da escolaridade) e nessa (re)união, ou seja, na *união* que se renova a cada dia, decidem sobre os elementos do processo didático, o que se observa é a consideração ao princípio da *vida em comunidade*: projeto, proposta e exemplo de La Salle. Da mesma forma, valoriza-se a organização e o planejamento didático.

10. O princípio da organização e do planejamento

A organização, o trabalho de ensino-aprendizagem *previsto, organizado*, é um dos critérios que norteiam o processo didático.

La Salle orienta claramente os passos da organização da escola, demonstrando a sua atenção a previsões, ao planejamento das práticas, em suas circunstâncias e fatores. Esse princípio da organização, previsão, planejamento é considerado na didática atual e revisto, em sua importância, especialmente na década de 90, mantendo-se em 2000, como conduta que, ressalvada a sua flexibilidade, auxilia o processo de ensinar-aprender.

Que a escola funcione bem e possa atrair as crianças e conquistá-las, por todos os meios possíveis, e tomar as medidas a fim de apren-

derem bem, estando os pais, então, satisfeitos (LA SALLE, 2006, p. 1)⁴.

As improvisações na sequência das aulas têm sido analisadas em seus efeitos na insegurança de alunos e professores, prejudicando a fundamentação e a estruturação do conhecimento. Seja no sistema escolar seriado, seja no sistema de ciclos, o planejamento (sem rigidez), as previsões, as ações *fundamentadas* são requisitos para a competência docente.

11. A competência docente

A prática docente para uma educação democrática, e não elitizada e elitizante, requer a formação criteriosa, fundamentada, que possa preparar para o magistério competente. Assim, a docência é cuidada em seus aspectos de qualidade, de modo a assegurar que o ensino se realize no sentido de alcançar o seu objetivo essencial: a aprendizagem.

Deve-se evitar que os alunos se desgastem da aula devido à incompetência dos mestres, ou de não terem expressado afeição por eles e não saberem conquistá-los, sendo muito rigorosos (LA SALLE, 2006, p. 1)⁵.

Preparar o professor para um ensino que alcance a aprendizagem, e o faça priorizando valores de vida e convi-

vência, é premissa indispensável à ação docente que se exerce com qualidade social e pedagógica. E a formação continuada que hoje se destaca nos parâmetros pedagógicos e legais foi um princípio e uma prática de La Salle, pioneiro no seu (e ainda incipiente no nosso) tempo.

Observando a inter-relação de todos os princípios pedagógicos que fundamentam e apontam critérios de uma didática orientada e praticada de acordo com esses princípios, chega-se, então, às considerações finais.

Considerações finais

Algumas questões são pontuadas à guisa de considerações que finalizam esta análise sobre princípios e pressupostos didáticos da pedagogia de La Salle. Nessas questões, inclui-se a inter-relação desses princípios entre si e com parâmetros atuais da didática. O conjunto de critérios que caracterizam os fundamentos e práticas avançadas de La Salle em seu tempo sugere a atenção às formulações do Projeto Pedagógico da escola, como documento que propicia e orienta a definição dos seus valores e propósitos.

A inter-relação dos princípios (sua coerência, convergência e consistência) pode ser observada na complementaridade entre o afeto, o diálogo, os cuidados com a organização e planejamento do trabalho, com o espaço físico da sala de aula, com a disciplina, com a aplicação prática do conhecimento (seu processo de transposição didática) e com a formação de professores para exercer o magistério de modo

4. Fonte: *Trechos de estudo sobre pensamentos de La Salle*. Niterói: Unilasalle, 2006 [Impresso].

5. *Op. cit.*

competente. Assim, a convivência, orientada pelo amor, pela aproximação, pela presença, que caracteriza a vida social, coletiva, partilhada, anuncia em La Salle princípios teóricos hoje bastante considerados na didática, a exemplo do sentido vygotskyano da zona de desenvolvimento proximal, mediadora da reconstrução pessoal e social do conhecimento.

Destaca-se, portanto, a atualidade dos princípios didático-pedagógicos de La Salle, observando-se que essa atualidade é (ou deve ser) contextualizada, adaptada às circunstâncias dos tempos atuais e da evolução do pensamento no campo da didática.

Enfatiza-se, também, a singularidade dos fundamentos que a Pedagogia de La Salle traz ao processo didático, elevado em seus propósitos pelos valores humanos e cristãos que inspiram o ensino e a aprendizagem do *saber*, *saber viver* e *saber conviver*, de modo fraterno e solidário.

E para trazer esses princípios a uma prática que seja consciente desses valores, ressalta-se a importância de que a comunidade educativa elabore o seu *Projeto Pedagógico*.

O Projeto Pedagógico é um documento integrado e integrador. O projeto é integrado, porque reúne todos os setores e serviços escolares; integrador, porque reúne as pessoas que o elaboram para pensarem, juntas, os valores que orientam o trabalho da comunidade escolar, a partir dos quais se *projetam* as suas ações.

É oportuno notar que a história da instituição, desde as suas origens, faz parte do projeto, porque retoma e preserva a memória da sua construção, do seu trajeto inicial, das suas mudanças, da sua evolução, para chegar ao presente (construído, sustentado pelo processo histórico) e para refletir sobre o futuro que se deseja, que se espera e que também se constrói historicamente. Assim, as decisões atuais da escola, incluindo as de seus planos didáticos, não se fazem ignorando seu processo histórico, tanto quanto as suas finalidades não são estabelecidas esquecendo-se as suas origens.

É nessa história, refletida, reavaliada, que se encontram os propósitos originais, os erros e acertos, as dificuldades e obstáculos, as formas e alternativas de superação.

Ainda, no projeto, situa-se e atualiza-se o contexto e, nele, as condições, necessidades, apelos que se encontram no interior e no entorno da vida escolar, nas suas relações e interinfluências com a sociedade, nos seus espaços mais próximos (da família, do bairro, da cidade) e nas suas implicações mais abrangentes com o país e suas políticas públicas. Essas questões são pontuais em todas as instâncias e serviços escolares, em todos os seus planos de ação.

E o Projeto Pedagógico da escola oferece também ao planejamento didático as referências básicas do currículo, dos planos específicos dos setores, da direção e administração, da supervisão pedagógica, da orientação educacional, dos serviços de apoio, enfim, as referências da estrutura,

funcionamento e perspectivas do trabalho da comunidade educativa.

Projeto é projeção, é visão do futuro que se constrói no presente e se revê no passado, para que se saiba de onde e por onde o curso se construiu, onde se encontra e para onde se direciona essa construção.

Observando a etimologia do termo, encontra-se sua origem latina em “projectu”, que é flexão do particípio passado do verbo “projicere”, cujo sentido é o de projetar, lançar para frente, para o futuro.

Assim, o projeto, que “lança adiante” os objetivos, as decisões institucionais e pedagógicas, seus conceitos, princípios e fundamentos, parte de uma trajetória anterior pela qual se chegou ao presente, com seus recursos, condições, propostas, sistemas, processos e realizações, cujos avanços e reconstruções são refletidos, decididos, assumidos e projetados *pela e para* a comunidade escolar que vai praticá-los.

Por isso, o projeto considera o passado e o *quanto e como* as experiências, conquistas e dificuldades acrescentaram, subsidiando melhores escolhas e alternativas ao que se faz (ou se pode fazer) no presente. Entretanto, o que se projeta para o futuro também requer ultrapassagens e rupturas, para que se considerem novas condições e possibilidades de superação do que se faz, em vista do que se *deseja e se precisa* fazer.

Assim, o projeto favorece a consciência do sentido pedagógico e social da escola, porque estimula a explicita-

ção e qualificação da sua história, seus objetivos, sua proposta, seus conceitos e compromissos básicos e, também, seus ideais.

O projeto associa-se à própria organização do trabalho nas instituições nas quais e pelas quais ele se formula. As principais referências do que se projeta encontram-se nos alunos, professores e comunidade escolar, de modo geral, incluindo funcionários e famílias, observando-se as características e necessidades do contexto social em que a escola se insere.

Com esse interesse de refletir e organizar o trabalho e com a finalidade de aperfeiçoar o seu encaminhamento, é preciso que a instituição se “lance para diante” e busque o possível, a partir do que tem, do que é e do que deseja ser e alcançar, porque o projeto é, naturalmente, uma síntese do real presente e do ideal futuro:

Ao construirmos os projetos de nossas escolas, planejamos o que temos a intenção de fazer, de realizar. Lançamo-nos para diante, com base no que temos, buscando o possível [...]. Nessa perspectiva, o projeto político-pedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e atividades diversas. O projeto não é algo que é construído e em seguida arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova de cumprimento de tarefas burocráticas. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola (VEIGA, 2004, p. 12-13).

Desse modo, o Projeto Pedagógico é construído e implementado, servindo ao encaminhamento de reflexões e avaliações constantes, além de constituir-se em estímulo à discussão do processo escolar, examinando-se dificuldades e empecilhos à efetivação de sua intencionalidade.

O fator intencionalidade, que é substância da formulação do projeto, decorre da própria natureza da instituição, sua origem e os fins pelos quais foi criada. Assim, quando se prevêem o processo e ações para a melhoria de qualidade, retomam-se também os propósitos originais e aqueles que a evolução do conhecimento e dos apelos socioeducacionais, científicos e tecnológicos acrescentaram.

Portanto, o projeto, ao mesmo tempo em que retoma as bases, origens e condições institucionais, atualiza, de acordo com o tempo e o estado da ciência, da tecnologia, da sociedade, as suas solicitações e compromissos. Por isso, sublinha-se, mais uma vez, a importância de rever a história da instituição, para que não se perca a memória do caminho percorrido e se chegue, com mais segurança, aos novos caminhos.

Dessa forma, o projeto da escola é o primeiro componente do plano didático, oferecendo-lhe os seus fundamentos. A partir desses fundamentos e também do *estudo*, que é o processo essencial às decisões (pois não se decide sem informações e as informações não são obtidas sem estudo), iniciam-se, coletivamente, as definições de cada etapa do planejamento didático.

Em síntese, reafirma-se que a aplicação de uma didática fundamentada em La Salle não pode prescindir de um Projeto Pedagógico que seja construído, *estudado, refletido* pela comunidade escolar, para que fique claro o seu propósito e, nele, os valores humanos e sociais que o inspiram.

Finalmente, nesse percurso, no qual se buscaram elementos de uma didática a partir da pedagogia de La Salle, o que se deseja oferecer aos professores são aspectos da ação docente que possam (devam) ser previstos com estudo, consciência e consistência. E este texto poderá, então, continuar através de um profícuo diálogo entre professores, de cursos de formação e das escolas, e os autores⁶, sobre procedimentos didáticos fundamentados em princípios pedagógicos construídos e praticados por João Batista de La Salle.

Referências

BURKHARD, Léo Charles. **Senhor de La Salle**. Petrópolis: Vozes, 1964 [Trad. de Ir. Israel Nery, fsc].

GONZÁLES, Pedro Chico. **Compartir la misión de San Juan Bautista de La Salle**. Valladolid: Lafalpp, 1990.

HENGEMÜLE, Edgar. **La Salle: uma leitura de leituras – O padroeiro dos professores na história da educação**. Canoas: Centro Universitário La Salle, 2000.

6. Para esse diálogo, os autores oferecem seus e-mails: mrangel@abel.org.br e inacio.weschenfelder@unilasalle-rj.edu.br

JUSTO, Henrique. **La Salle**: patrono do magistério. Canoas: La Salle, 1991.

LA SALLE. *In*: **Meditações de São João Batista de La Salle**. Canoas: La Salle, 1988.

——— *In*: **Trechos de estudo sobre pensamentos de La Salle**. Niterói: Unilasalle, 2006 [Impresso].

MAILLEFER, Francisco Elias. **Vida do Senhor João Batista de La Salle**. Canoas: La Salle, 1991.

MORALES, Alfredo A. **Pedagogía lassalista** – Asociados para una propuesta educativa liberadora. Lima: Industrial Gráfica, 2001.

PUNGIER, Jean. **Como nació la guía de las escuelas**. Lima: Bruño, 1987.

RANGEL, Mary. **“Bom aluno”**: real ou ideal? Petrópolis: Vozes, 1998.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. 17 ed. Campinas: Papirus, 2004.

